

# RADICALMENTE SANTOS: o *rock'n'roll* e o *underground* na produção da pertença religiosa entre jovens

Flávia Slompo Pinto

Flávia Slompo Pinto ([flaviaslompo@yahoo.com.br](mailto:flaviaslompo@yahoo.com.br)) é mestrandanda em Antropologia Social – IFCH/Unicamp.

**Resumo:** Esse artigo<sup>1</sup> apresenta um estudo realizado entre os jovens da igreja evangélica *Crash Church Underground Ministry*, fundada em 2006 e localizada em um pequeno galpão do bairro Ipiranga, na cidade de São Paulo. A partir do trabalho de campo, foi possível perceber que a cosmologia pentecostal, acoplada à cena *underground* do *heavy metal*, fornece aos jovens meios de pensar as práticas de construção de seus projetos de vida como voltadas para algo de grande valor. Vendo a si próprios como socialmente marginalizados, esses jovens invertem tal condição a partir do *underground* e da religião, construindo com tais recursos agencialidade e poder, de forma a forjar um estilo próprio de existência.

**Palavras-chave:** religião, música, juventude

**Abstract:** This article presents a study conducted among young people from the evangelical church *Crash Church Underground Ministry*, founded in 2006 and located in a small shed at Ipiranga's neighbourhood, in the city of São Paulo. Through field work, it was possible to realize that within that youth scenario, the pentecostal cosmology, attached to the underground heavy metal scene, provides the young with ways to think about their life projects as directed towards something of great value. Seeing themselves as socially marginalized, they invert such reality through the underground and through religion, building agency and power. In the process, they create their own way of living.

**Key Words:** religion, music, youth



## **A Crash Church Underground Ministry: apresentando o campo e seus sujeitos**

No fim das tardes de domingo, a Rua Cora, uma pequena viela sem saída situada no bairro Ipiranga (São Paulo), se torna uma paisagem sonora particular: um barulho de guitarras e baterias ecoa em alto volume num pequeno e velho galpão, situado ao final da rua. Articulados, os instrumentos produzem um *rock'n'roll* "pesado" de dentro do galpão, que confere a toda a rua a acústica das famosas "bandas de garagem". Perto das 16 horas, grupos de jovens vestidos com roupas pretas, sobretudos, tatuagens, cabelos longos, *piercings* no rosto e uma bíblia na mão começam a chegar para o culto semanal da *Crash Church Underground Ministry*.

Essa igreja evangélica, que tem seu início no ano de 2006, nos gramados do Parque Ibirapuera, é assim descrita por seus representantes:

A *Crash Church* é uma igreja evangélica que abriu as portas para as pessoas que foram rejeitadas pela sociedade por seu visual diferente e da música que ouvem, integrantes das tribos urbanas – como os roqueiros, góticos e outros movimentos *underground*. Mas também tem espaço para quem nunca se envolveu com isso, mas sente a necessidade de buscar a Deus com liberdade e sinceridade. (Texto de panfletagem da *Crash Church*, distribuído em seus eventos)

A igreja é encabeçada atualmente por um pastor, Carlos Batista, ou Pastor Batista, vocalista e baixista da banda Antidemon, banda de *white metal*, ou "metal cristão" de estilo musical Death/Grind/Extreme-Brutal Metal<sup>2</sup>. De trajetória familiar religiosa, Batista teve sua iniciação na música e na religião evangélica no interior da igreja Renascer em Cristo<sup>3</sup>, onde participava de um coral. Com influência marcada da música clássica e das músicas cristãs tradicionais, entrou em contato com a guitarra e o baixo por curiosidade, tornando-se um autodidata. Em 1994, Batista fundou a banda Antidemon<sup>4</sup>, em meio a um cenário *gospel* que despontava no interior da Renascer em Cristo, particularmente com a formação do Ministério *Christian Metal Force*, fundado por Cláudio Tibério<sup>5</sup>, que começou a dar espaço para a criação de bandas de *rock* evangélicas; e a seguir com a criação, no interior da Igreja Evangélica Quadrangular,

do Refúgio do *Rock*, um espaço para ensaios e apresentação de bandas de *rock* evangélico, coordenado pelo Pastor Sandro Baggio<sup>6</sup>.

De acordo com SIEPIERSKI (2003), a Renascer em Cristo aparece no cenário evangélico com o diferencial de ser voltada para o público jovem e para a música. Segundo o autor, desde o começo, em seu primeiro templo no antigo Cine Rivera, no bairro do Cambuci, a igreja reservava as segundas-feiras à noite para a reunião de jovens, baseadas em *shows* de bandas *gospel*. As cadeiras eram retiradas do auditório, que se transformava em uma enorme danceteria. Nessa época, já se movimentavam tranquilos por ali os amantes do *heavy metal* com suas camisetas e calças pretas, cabelos exóticos, botas e abundantes adornos em metal, que compunham "um visual pesado e contrastante com a paz interior que eles proclamam" (SIEPIERSKI, 2003, p. 134). No entanto, ainda segundo o mesmo autor, ao final dos anos 1990 a Renascer em Cristo começa a dar prioridade para o público empresarial em detrimento dos jovens, acabando inclusive com as noites de segunda-feira. Parece-me que é neste influxo que começam a despontar novas igrejas e comunidades de jovens dissidentes da Renascer em Cristo, como é o caso da Zadoque, a primeira comunidade evangélica fundada pelo Pastor Batista, em 1998.

A Comunidade Zadoque surgiu em um galpão no bairro Barra Funda, em São Paulo, e rapidamente adquiriu uma privilegiada posição no cenário do *rock* cristão. RUMSTAIN (2008) e COSTA (2005), pesquisadoras que puderam presenciar os cultos e festivais da Zadoque, afirmam que para uma banda de *rock* cristão, o começo do auge de sua carreira na cena *underground* e religiosa<sup>7</sup> era fazer um *show* na Zadoque. Segundo as autoras, os culto-festivais aconteciam aos sábados e aos domingos, durante o dia todo, agregando jovens de diversos movimentos, desde *skatistas*, até *carecas*, passando por *rappers*. Porém, em 2006 a Zadoque termina e a maioria dos jovens se dispersa em direção a outros movimentos. No final do ano de 2006, entre 35 e 40 componentes da antiga Zadoque, juntamente com Batista, decidem criar a igreja evangélica *Crash Church Undergroud Ministry*. Sem condições de iniciar a construção de um templo, o pequeno grupo começa a se reunir aos domingos no Parque Ibirapuera, e é neste local que surge o embrião da *Crash Church*.



**Figura 1 - Encontro no Ibirapuera (Divulgação).**

A dissolução da Comunidade Zadoque e sua migração para a *Crash Church Underground Ministry* é hoje uma narrativa constantemente acionada nas conversas dos jovens participantes dos cultos e também pelo Pastor Batista. Batista era o pastor de uma comunidade que crescia peremptoriamente (com cultos semanais agregando 300 fiéis constantes no galpão da Barra Funda, somados aos festivais de bandas cristãs que ocorriam aos sábados) e, ao mesmo tempo, era líder da banda Antidemon, que fazia cada vez mais sucesso na cena do *rock* cristão, com turnês européias e latinas. Conta-se que ele havia perdido as rédeas da comunidade, que se encontrava cada vez mais desorganizada. A explicação dada pelos jovens pertencentes à igreja, e pelo próprio Pastor Batista, é a de que este teria sentido necessidade de renovação, necessária porque dentro da Comunidade Zadoque estavam se misturando “as coisas feitas para Deus e as coisas que deixavam Deus de lado”. Sendo assim, Batista diz ter sido importante “começar do zero”, fundando uma nova igreja com um novo nome, com o intuito de tornar perceptível, dentre tantos participantes da Comunidade Zadoque, quais eram aqueles que realmente estavam ali para uma atitude voltada para Deus.<sup>8</sup>

A banda Antidemon é hoje reconhecida pela cena *underground*<sup>9</sup> brasileira como a mais importante e influente do *white metal*, ou “metal cristão”. Ela se legitimou no meio alternativo nacional a partir de seu alcance internacional, sobretudo na Europa e América Latina.<sup>10</sup> A banda Antidemon tem se destacado pela sua capacidade em transitar igualmente pela cena *underground* não-cristã, participando de festivais de *rock* “seculares” (ou seja, festivais organizados para um público e por bandas não-evangélicas), comportamento raro entre os grupos de *white metal*, que

costumam se fechar em uma cena relativamente sectária, composta por um público selecionado e restrita a um território específico. O trecho abaixo evidencia o entusiasmo de Batista e sua esposa, a também pastora Juliana, e apresenta a dimensão da proposta de inserção do *white metal* em meio secular, protagonizada pela banda Antidemon:

Estar de cabeça no meio secular é realmente uma bênção, pois cada gesto, cada palavra, causam diferença (...). O evento organizado por *Rocker's Club*, aconteceu na "Arena El Salvador" [em San Salvador] que ficou lotada com um público 80% não cristão e entusiasmadíssimo com a presença da banda, demonstrou uma profunda admiração pelo som e um incrível respeito pela mensagem do evangelho que fora passada! (...) Muitas sementes lançadas... vidas impactadas! O meio secular alcançado como nunca! (Texto de Batista e Juliana sobre a turnê pela América Central realizada em 2008. Texto disponível em [www.antidemon.net](http://www.antidemon.net))

Em sua maioria, as bandas do "metal cristão" evitam fazer shows em certos bares e estabelecem uma prática de realização de *shows* em territórios religiosos ou neutros, como templos ou espaços alugados – o que dificulta a participação de um público não-cristão, que não possui conhecimento desse território religioso. Como veremos, esta característica da banda Antidemon em se misturar na cena *underground* mais ampla servirá de pilar para o *ethos* da igreja *Crash Church Underground Ministry*, que não se restringe nem aos cultos de domingo, nem ao pequeno galpão da rua Cora, mas se espalha por toda a Região Metropolitana de São Paulo, em um território híbrido que se expande através do tracejado de itinerários e intervenções cotidianas de seus jovens membros.



**Figura 2 - A banda Antidemon. Da esquerda para a direita, Mauricio Cebalho (guitarras), Juliana Batista (bateria) e Carlos Batista (baixo e vocal). (Divulgação).**

Durante o período de incursão etnográfica, havia nos cultos de domingo um público de jovens mais constante – formado por entre 35 e 40 indivíduos – e um público menos constante – jovens que apareciam apenas para conhecer, ou para um evento específico. Os jovens que freqüentam os cultos mais constantemente têm entre 16 e 25 anos e habitam com suas famílias (pais, avós e irmãos) em locais periféricos da região metropolitana de São Paulo, principalmente em cidades do chamado ABC e nas proximidades de Guaianases, Poá, Guarulhos e Vila Albertina. Alguns cursam o Ensino Médio; o restante não estuda, e praticamente não há estudantes universitários no grupo. A grande maioria dos adeptos da *Crash Church* é oriunda de famílias evangélicas, tendo recebido uma socialização evangélica pregressa. Esses jovens contaram que iam à igreja com seus pais – principalmente à Renascer em Cristo e à Assembléia de Deus – e que, por volta dos treze anos, passaram por um afastamento dessa prática religiosa<sup>11</sup>. Durante o período de afastamento, transitaram entre identidades do *rock*, do *rap* ou do *reggae*, marcadas pela presença em festas, *shows* e bares. De acordo com suas narrativas, a volta para a igreja ocorreu quando eles encontraram a cena *underground* evangélica a partir do próprio circuito freqüentado por eles neste transitar de identidades juvenis.

Ainda no que tange à caracterização dos jovens envolvidos com a *Crash Church*, é sabido que eles trabalham esporadicamente, fazendo “bicos”, ao mesmo tempo em que tentam fazer do espaço evangélico *underground* uma carreira alternativa que

envolva música, arte e produção de eventos. Aqueles que não se encontram atrelados diretamente à esfera da produção musical, vinculam-se ao gênero na categoria de público ouvinte. Investigar a importância da música em suas vidas se mostrou essencial para a compreensão da produção da religiosidade por eles vivenciada e praticada cotidianamente – objeto da análise que se segue. Música e religiosidade se misturam de tal forma, que ambas as esferas mostram-se interconectadas. A partir da apresentação e da análise de uma etnografia de um culto da *Crash Church*, espero traçar mais pontualmente o perfil destes jovens roqueiros evangélicos.

### **Etnografia de um culto na *Crash Church Underground Ministry***

O espaço da igreja, no pequeno e velho galpão da Rua Cora, possui paredes internas completamente pintadas de preto, com desenhos imitando grossos espinhos de rosas, em branco. Como é recorrente na constituição dos espaços das igrejas evangélicas, cadeiras brancas de plástico encontram-se enfileiradas em direção ao altar, que também serve como palco de *shows* musicais. O altar é composto por um púlpito feito de pedra cinza maciça e é em grande parte tomado por instrumentos musicais e pelos integrantes da banda<sup>12</sup>, que são considerados elementos primordiais para a realização dos cultos evangélicos na *Crash Church*. Atrás do altar, está pendurada uma grande bandeira de pano com o emblema da *Crash Church Underground Ministry*. Próximo à entrada, há uma porta vermelha que dá acesso a um pequeno cômodo, também todo pintado de preto, chamado pelos pertencentes de “lojinha”. Nesse espaço comercial, acontece grande parte da sociabilidade após os cultos, momento em que os fiéis se encontram para comprar ingressos de *shows*, CDs, camisetas e bandeiras de bandas de *white metal*. Com o tempo, o galpão foi sendo reformado, começando pela retirada dos entulhos que estavam na calçada à frente do galpão, e prosseguindo com a construção de banheiros (ainda não finalizada no momento da interrupção da pesquisa de campo).



**Figura 3 - Espaço da "lojinha", com alguns pertencentes. Atrás, CDs de *white metal* e a bandeira da banda Antidemon (Divulgação).**

Em minha primeira ida a campo, avistei alguns jovens em frente ao galpão, trajando camisetas pretas com *slogans* de bandas e calças jeans rasgadas com correntes prateadas a elas acopladas, além de uma gama de adornos prateados em seus rostos, orelhas e dedos. Outros ostentavam um visual composto por vestimentas totalmente pretas – sapato, calça, saia, camisetas, casacos de frio. Os garotos, em sua maioria, possuíam cabelos compridos, na altura dos ombros, e as garotas cabelos ainda mais longos, atingindo o meio das costas. Conforme a hipótese contida no projeto de pesquisa, os fiéis da *Crash Church* eram jovens, com exceção de duas senhoras que assistiam ao culto, uma delas por ser mãe de um jovem fiel, e ambas por morarem ao lado da igreja. As duas afirmaram serem "assembleianas" (termo referente à Assembléia de Deus), e disseram que sempre que possível elas iam aos cultos do Pastor Batista, por gostarem muito de sua pregação. Na calçada da igreja, um dos garotos logo se aproximou para gentilmente me cumprimentar com um beijo no rosto, perguntando "tudo bem?". Apresentei-me a ele, explicando que era a primeira vez que estava ali, que era estudante da Unicamp e que o intuito era realizar uma pesquisa sobre juventude e religião. Ele se mostrou extremamente solícito e pediu para anotar meu nome em uma folha. Ficamos conversando e logo havia um grupo em torno de mim, todos querendo conhecer meu interesse pela igreja e puxando assunto. Ao chegar ali sem conhecer ninguém, logo fui "adotada", fato que facilitou as atividades de pesquisa, pois, em minutos, já conseguiria acesso a várias informações fundamentais.

Antes de o culto começar, a banda tocou muitas músicas e os jovens ficaram espalhados, tanto pelo interior da igreja, como pela calçada. Pude perceber que, nesses momentos anteriores ao culto, é realizada a distribuição de funções aos jovens: determina-se quais membros irão cuidar do retroprojeto, aqueles que ficarão responsáveis pela palavra inicial, e os que serão responsáveis pela parte dos testemunhos. Dentre as pessoas em meu entorno enquanto estava aguardando o começo do culto, estava Dã, um rapaz de 20 anos que se vestia com uniforme camuflado, como os usados pelos jovens que se alistam para o Exército, complementado por um coturno alto e uma camiseta preta por baixo do uniforme. Ao ser informado de que estava realizando uma pesquisa, logo sugeri que conversasse com o Pastor Batista, e se propôs a chamá-lo. Causou impressão a disponibilidade do líder e fundador da igreja em vir conversar comigo já na primeira ida a campo. Para minha surpresa, o Pastor Batista é quase tão jovem quanto os demais participantes de sua igreja, e faz questão de que seu grau de importância pareça o mesmo que o dos outros jovens, durante os cultos.

O preâmbulo ao culto foi feito por Fábio, um rapaz de cabelo raspado e orelhas alargadas com *piercings*, vestindo uma regata preta e uma bermuda camuflada.<sup>13</sup> Pastor Batista e sua esposa, Pastora Juliana, sentaram-se próximos, nas cadeiras de plástico. Dã e Danilo estavam sentados nas cadeiras da frente, cuidando do retroprojeto que exibia em um telão as letras das músicas tocadas pela banda. Fábio estava atrás do púlpito de pedra, e anunciou que faria uma leitura do apóstolo Paulo para realizar um balanço de sua semana, das lutas por ele enfrentadas e de pequenos milagres que ele pôde presenciar. Fez isso de maneira muito descontraída, como em uma conversa informal, usando gírias e parando muitas vezes para pensar como expressar verbalmente suas experiências. A partir do relato de sua experiência pessoal, Danilo argumentou que as dificuldades são colocadas em nossas vidas, mas que é possível encontrar soluções para os problemas por meio da consulta à Bíblia. De acordo com ele, conseguiu encontrar a orientação de Jesus para a solução de seus conflitos: assim que ele abriu a Bíblia, deparou-se com uma passagem do apóstolo Paulo que lhe ensinou como lidar com a situação. Não acreditando em coincidências, Danilo proferiu que sua consulta à Bíblia deve ter sido, de certa forma, orientada por Jesus. Esse fato, por ele considerado como uma presença incontestável de Deus em sua vida, justificava a necessidade que ele sentia de compartilhar essa experiência

peçoal com seus amigos e com os demais membros presentes na igreja, naquele momento.

Depois do testemunho de Fábio, iniciou-se a primeira parte do culto propriamente dito: o louvor. Para minha surpresa, o mesmo som pesado de *heavy metal* que ouvi ao chegar à rua Cora foi acionado. Os vocais eram agudos, no estilo mais afinado do *heavy metal* melódico; havia duas vocais femininas e cantavam também o tecladista e o baixista, formando uma espécie de coral em um só tom. As letras das músicas ressaltavam a corporalidade, a experiência íntima com Deus e a Salvação: "em teus braços, Senhor, eu quero estar"; "eu estava me afogando quando Ele pegou minhas mãos, alcei vô em seu céu"; "senti o sopro do Senhor em minha pele, Ele estava ao meu lado" são alguns exemplos de frases marcantes, cantadas pelos jovens fiéis com bastante fervor. O louvor, realizado com o *rock* pesado, foi cantado e dançado pelos jovens sem esquecer o famoso chacoalhar de cabelos, ou "bate-cabeça" típicos dos *shows* de *rock*. Entre uma música e outra, orações eram entoadas pela vocalista da banda. Eram como conversas diretamente com Jesus Cristo, com louvores e agradecimentos proclamando que Jesus tinha um milagre esperando por cada um de nós, e que, ao planejarmos nossas vidas, deveríamos sempre colocar Jesus em primeiro lugar, entregando as decisões acerca de nossas vidas a Ele, porque Ele tem um plano para cada um de seus filhos. A narrativa deste momento do louvor era pautada pela idéia de que devemos ter sempre a certeza de que nossas vidas são milagres, para percebermos todas as coisas boas que acontecem conosco enquanto manifestações desse milagre. Tudo foi falado com voz amena, enquanto o guitarrista solava um *rock* melódico ao fundo. Depois, mais louvor, *rock* pesado, e "bate-cabeça". O conjunto durou em torno de 40 minutos.



**Figura 4 - O momento de louvor (nessa foto do começo do ano, as paredes do galpão ainda não tinham sido pintadas de preto). (Divulgação).**

Depois, a banda desceu do altar e os jovens retomaram seus lugares nas cadeiras de plástico. Então, Pastor Batista subiu no altar e começou dando avisos, que usualmente se referem aos eventos de *rock* cristão que ocorrerão durante as semanas seguintes na cidade de São Paulo e proximidades. Como sugiro mais adiante, esses eventos constituem parte muito importante da experiência religiosa dos jovens evangélicos freqüentadores da *Crash Church*.

Após os avisos, Pastor Batista chamou aqueles que no começo do culto lhe haviam dito que iriam compor o momento dos testemunhos. Não há uma regra explícita para esse momento, de forma que enquanto alguns preferem entregar seus testemunhos por escrito para que sejam lidos por Batista, outros preferem subir ao altar e contar pessoalmente suas experiências, atos que geralmente são seguidos de alguma leitura bíblica escolhida. Muitos foram os testemunhos ouvidos durante os cultos de que participamos. Um deles foi de Leandro, que contou sobre uma enchente que inundou o galpão, quando, no meio da tentativa de salvar os equipamentos, ele havia perdido seu celular. Naquela semana, "Deus havia lhe restituído o que ele havia sacrificado para salvar Sua casa": uma amiga de Leandro tinha comprado um celular novo e deu a ele seu antigo aparelho. Outro testemunho foi de Danilo, que em determinada semana havia conseguido um curso de canto lírico gratuito. Um terceiro testemunho foi o de um grupo que estava montando um festival de *rock* cristão e, coincidentemente, um dos rapazes havia recebido de volta um dinheiro que havia emprestado há muito tempo.

Todos os eventos nomeados como "testemunhos" são, na *Crash Church*, acontecimentos cotidianos, repletos de sutilezas do dia-a-dia, considerados pelos fiéis como verdadeiros sinais de Deus. Desse modo, na experiência religiosa desses jovens, Deus se manifesta nas pequenas coisas, e é preciso estar atento a elas, não se deixando levar apenas pelas grandes questões e fatos notórios, para poder ter Cristo ao lado e manter uma relação íntima com Ele. Há uma mensagem principal, espécie de fio condutor, sempre presente na estrutura dos testemunhos: "quando você está fazendo algo para Deus, tudo flui perfeitamente, sem pedras no caminho, pois você estará sendo guiado por Ele e está colocando nas mãos dEle suas ações". Essa valorização da pequena escala encontra analogia no formato atual da *Crash Church*, uma pequena comunidade; assim como está atrelada a um discurso constante na igreja, que marca a diferença entre a *Crash Church* e as demais igrejas evangélicas sediadas em templos grandiosos, as quais, segundo os jovens pertencentes, só estariam interessadas no dinheiro dos seus fiéis:

Nós não vamos prometer que você vai ficar rico nem que todas as suas dificuldades vão acabar. Mas o próprio Jesus Cristo deu a palavra dele, garantindo que vai agir na sua vida, se você deixar. (Texto de panfletagem da *Crash Church*, distribuído em seus eventos)

Voltando à descrição do culto, após os testemunhos, Pastor Batista inicia sua pregação. Começa com uma leitura em voz alta da passagem bíblica que irá discutir, a qual é acompanhada pelos participantes, que trazem suas Bíblias<sup>14</sup> para a igreja. A pregação de Batista segue uma estrutura segundo a qual, através de diferentes exemplos e passagens da Bíblia, constrói-se uma amarração argumentativa bastante didática. Certa vez, começou a falar de quando Deus pediu a Saul que destruísse todo o reinado:

E então Saul foi lá e destruiu tudo (conforme contava, Batista pegava sua espada invisível e matava inimigos invisíveis no altar), mas ele viu uns boizinhos, umas ovelhinhas e pensou "ah, Deus não deve ter pensado que podia ter esses boizinhos, essas ovelhinhas! Olha só, umas ovelhinhas tão branquinhas, tão filhas de Deus! Bom, tive uma idéia. Olhe, Davi, não vamos

matar essas ovelhinhas, esses boizinhos aqui, não... Deus não deve ter pensado, vamos guardar tudo ali naquele estábulo, e depois a gente pode até fazer uma grande festa, um grande sacrifício prá Deus." (Fragmentos de fala do Pastor Batista em um culto da *Crash Church*, no dia 31 de agosto de 2008).

Batista vai contando a passagem da bíblia, procurando atuar como os personagens, não apenas colocando o discurso 'na linguagem de hoje', mas encenando as passagens de um modo que elas se tornem vivas ali no templo, e parecidas com as experiências cotidianas das vidas daqueles jovens. As pregações descontraídas do Pastor Batista culminam em um ensinamento para as práticas cotidianas, como por exemplo, o modo adequado de se portar com a banda, a família ou o trabalho.

Após a pregação, mais música – desta vez, não na forma de louvor, mas sob uma forma mais descontraída: os jovens saem de seus lugares e vão para a frente do palco, dançando conforme desejam. Alguém se lembra de subir no palco para dar os avisos sobre os próximos *shows* a acontecer em São Paulo ou nas redondezas, e lembrar que há *folders* de divulgação na porta do galpão para serem distribuídos pelos jovens. De fato, a *Crash Church* recebe e também produz diversos panfletos de divulgação de *shows* e festivais de *rock*, tanto cristãos como não-cristãos, e a insistência para que seus membros participem desses eventos é bastante grande. Todos levam alguns panfletos para casa, que distribuirão nos metrô, nos restaurantes ou em outros lugares onde costumam passar. É através deste circuito de informações que se estabelece o território ampliado no qual a *Crash Church* toma corpo – a presença e atuação dos jovens nas cidades e nos festivais de *rock underground*.

### **Os Festivais *Underground*: batalha espiritual de guitarras**

Conforme o que foi apontado até aqui, pode-se perceber a importância da música na experiência religiosa desses jovens. A igreja *Crash Church* revela um regime de crença onde o *rock* e tudo aquilo que compõe a cena *underground* do estilo *heavy metal* é central. O modo como esta crença opera e os significados que esta religiosidade assume na vida dos jovens devem ser compreendidos a partir de duas importantes relações da *Crash Church* com o *heavy metal*, ou *white metal*: a primeira diz respeito ao significado imputado por seus fiéis a este gênero musical, enquanto a segunda diz respeito ao modo como a música é acionada pelos jovens fiéis, a partir da

produção e participação em festivais *underground*, considerados por eles como verdadeiras batalhas espirituais contra o Diabo.

Quanto à primeira relação – o significado imputado pelos jovens fiéis da *Crash Church* ao *white metal* – é preciso dizer que para eles este estilo musical é representativo de uma legítima anunciação divina. Interessante mistura entre o sagrado e um estilo musical historicamente classificado como “música satanista” (ARNETT, 1991; BALLARD e COATES, 1995). Segundo SALHEB (2007), o *rock n’roll* foi demonizado pela maioria das denominações evangélicas nos anos 1980 a 1990, tanto no Brasil, como nos Estados Unidos e Inglaterra (países-berço do estilo musical). Foi conhecendo esse histórico que perguntei ao Pastor Batista: “Mas e aquela velha história de que o Diabo é o pai do *Rock*?”; ao que ele respondeu:

A gente não acredita que o *rock* é fruto do Diabo: tudo o que há no mundo é criação de Deus, porque é Deus quem dá o poder de criação para o Homem e para as coisas do mundo. Então tudo é de Deus, seja o *rock*, seja outra música ou qualquer outra coisa. Lúcifer também é uma criação de Deus, o que aconteceu é que ele foi um anjo caído, que se rebelou contra as ordens de Deus e por isso foi expulso do seu Reino. Então o que pode existir é uma apropriação pelo Diabo das coisas de Deus, como por exemplo o Diabo pode se apropriar das coisas de Deus e torná-las elementos do mal. É por isso que há muitos satanistas que fazem *rock*. Então, se você faz um *rock* de Deus, para Deus, seu *rock* vai ser criação do Criador. Mas se você for um satanista que faz *rock* para adorar o Diabo, não é só sua música que não vai ser de Deus, tudo o que você fizer, se for em adoração ao Diabo, será contra Deus – seja no *rock*, na sua banda, na sua casa, ou no seu trabalho. (Entrevista com Pastor Batista em 31 de Agosto de 2008.)

É a partir desta cosmogonia que são resolvidos, tanto as possíveis contradições entre o universo religioso e o campo secular, como o próprio posicionamento do cristão perante o mundo que o circunda. Nela, a expressão “o Diabo são os outros” literalmente se consolida: o mal não é Lúcifer, mas sim as pessoas que o adoram - os roqueiros satanistas. Semelhante a outras denominações evangélicas, aqui a figura do Diabo é central (ALMEIDA, 1996), porém é encarnado pela pessoa social dos “satanistas”. Para os jovens da *Crash Church*, todo jovem que vivencia o *rock*

*underground* e é um não-cristão, ou um não-evangelizado, está nas mãos do Diabo, porque está ouvindo um tipo de *rock* produzido por satanistas. Trata-se, portanto, de uma cosmogonia dual, onde o que não é *white metal* (metal cristão), é *black metal* (metal satanista).<sup>15</sup> Batista ainda conta que fazer *death metal* Cristão foi uma verdadeira revelação de Deus. Ele nunca tinha escutado um *death*, e não sabia o que era um *rock* gutural, na medida em que apenas brincava com sua guitarra em casa; até que este estilo "veio" até ele, "trazido por Deus". De repente, estava entoando salmos com aquela voz estranha, grossa, mas sem saber exatamente que música estava fazendo. Segundo o pastor, só depois é que seus colegas começaram a comentar com ele que aquilo que estava tocando era um *death metal*, e perguntaram sobre suas influências, ao que ele respondia, impressionado, que nunca tinha ouvido nenhuma banda de *death metal*. Nota-se aí a força da idéia de que o *rock* é uma verdadeira anunciação divina.

Além de anunciação divina, o *rock* articula uma gama de relações e atividades a serem realizadas para se produzir a cena *underground*. Conforme afirmação anterior, todos os jovens da *Crash Church*, sem exceção, possuem algum vínculo significativo com a música *white metal*, seja compondo uma banda, seja se envolvido na produção de eventos, ou ainda enquanto fãs do estilo musical. De acordo com ARNETT (1991), o *heavy metal* toma importante parte nas vidas dos jovens que o apreciam, representando não apenas uma preferência musical, mas uma influencia central que modela toda sua visão de mundo, seus hábitos, seus estados de espírito, suas amizades, suas noções acerca de quem é admirável e suas esperanças sobre o que podem vir a ser futuramente. Segundo QUEIROZ (2004), a participação da juventude de uma maneira geral na música e em outras manifestações artísticas vem se mostrando enquanto uma maneira de os jovens se expressarem a respeito de suas aspirações e demandas coletivas. Desse modo, a relação dos jovens com a música dentro da dinâmica religiosa aqui estudada deve ser compreendida com o conveniente cuidado. Algo que esta pesquisa claramente evidenciou é que tanto o *rock* como a participação na cena *underground* evangélica conferem aos jovens uma intensa agencialidade.

A atividade mais central para os jovens da *Crash Church* é, sem dúvida, a produção e organização de festivais de *rock underground*. Durante a realização de nossa pesquisa de campo, acompanhei a preparação do evento *Aljava Underground Fest*, em Poá, encabeçado por Dã e Danilo – evento que contou com cinco bandas e

que teve como intuito ser o primeiro festival de *white metal* de Poá. A organização de eventos como este envolve uma considerável gama de atividades, como procurar o espaço que será utilizado, cuidar do transporte dos instrumentos, planejar a publicidade, organizar a equipe de segurança, contratar as bandas, entre outras coisas. É importante sublinhar que tais eventos são coordenados pelos próprios jovens – não há interferência de adultos, como pais ou líderes de instituições religiosas. Também não houve nenhuma interferência do Pastor Batista na organização do *Aljava Underground Fest* – ele fazia questão de dizer que era apenas um convidado, e para Dã e Danilo, isto representava uma grande responsabilidade e a preocupação de que seu evento fosse um sucesso, já que a organização estava inteiramente em suas mãos. Dá-se uma importância muito grande a fazer publicidade do evento em locais onde existem jovens não-cristãos: o objetivo é agregar um grande público não-evangelizado e, para isso, os organizadores não divulgam que o evento será de *white metal*, e produzem seus panfletos de modo muito semelhante às divulgações do *heavy metal* secular.



**Figura 5 - Folder do Aljava Underground Fest, na cidade de Poá, em 20 de setembro de 2008 (Divulgação).**

Como já se observou, há uma preferência da Antidemon por tocar nos chamados “espaços seculares”, por acreditar ser sua missão “lançar a rede” e “salvar vidas”. Exemplo emblemático se encontra em um trecho da entrevista realizada com a banda Antidemon, abaixo reproduzido:

P: Você pode citar alguns lugares em vocês curtiram mais e outros em que curtiram menos tocar?

R: Os que mais curtimos são aqueles *shows* em que mais havia não-cristãos e podemos passar nossa mensagem. Os que menos curtimos foram aqueles que não podemos lançar a rede para a salvação de vidas (Entrevista com a banda Antidemon, publicada no *Web Zine Rock in the World*. Data da entrevista: 6 de setembro de 2008. Endereço do site: <http://rockintheworldwebzine.blogspot.com>. Data de Acesso: 10 de novembro de 2008).

Assim, realiza-se um evento onde uma verdadeira arena de batalha espiritual é montada. Nos festivais *underground*, ao mesclar-se o público secular com o público cristão, geram-se conexões e desconexões entre duas (ou mais) formas de se compreender e vivenciar o mundo (GOW, 2006). A batalha travada pelas guitarras é uma batalha cosmológica, entre duas cosmogonias distintas, resultando em um verdadeiro evento, nas concepções de SAHLINS (1990), que evoca relações de contatos, mudança social e conexões culturais. O acontecimento sonoro traz à tona uma espiritualidade cravada no plano sensório:

Entre uma música e outra a temperatura espiritual foi subindo e uma grande batalha espiritual foi se estabelecendo até o ápice com o tema "Apodrelupe<sup>16</sup>", que simplesmente nunca fora tocada com tanta fúria, com tanta vontade, com tanto efeito! A apresentação seguiu com uma massacrante vitória do Reino de Deus e uma transparente satisfação no semblante de todos os presentes! (Batista e Juliana, texto sobre a turnê pela América Central, disponível em [www.antidemon.net](http://www.antidemon.net)) Acesso em: 8 de novembro de 2008.

No entanto, às vezes a batalha espiritual não é tão vitoriosa. Durante a pesquisa de campo, pude presenciar três apresentações da banda Antidemon, o que me permitiu traçar a estrutura de seu *show*, como também compreender a dinâmica desses festivais *underground*. Em tais espaços, superficialmente, não há nada que

diferencie os jovens evangélicos de outros jovens roqueiros: há um *continuum* na aparência, na corporalidade e nos modos de falar ou se comportar. As bandas começam a tocar, os jovens todos dançam chacoalhando os longos cabelos e *mosheando*.<sup>17</sup> Quando uma banda de *white metal* começa a tocar, entre uma música e outra vão iniciando uma conversa sobre Deus e suas crenças, para o público. Conforme as músicas vão sendo tocadas, o discurso vai ficando mais persuasivo e direto, e é aqui que começam a se diferenciar os públicos.

A conseqüência mais recorrente é a saída de muitos jovens não religiosos do local. Outra, menos recorrente, mas não menos importante, é o repúdio violento do público contra a banda que está se apresentando: nesses casos, o público demonstra sua indignação jogando objetos nos músicos, indo até a frente do palco e cuspidando nos artistas, fazendo sinais com as mãos, pronunciando xingamentos e mostrando símbolos de seus colares ou outros objetos maiores, que muitas vezes representam aspectos conflitantes com a doutrina *white metal*, como a anarquia, o ateísmo, ou até mesmo o satanismo. Quando o público reage de forma mais violenta, os músicos integrantes da banda e o público evangélico presente costumam interpretar o repúdio à proposta do *white metal* como a verdadeira manifestação do Diabo na sua frente. Assim, começam a tocar e a dançar mais "fervorosamente" – produzindo um som mais pesado e cantando as letras de forma a evidenciar as mensagens evangélicas que elas carregam, saídas da boca como balas que são direcionadas aos jovens que estão ali exercendo algum tipo de repúdio.



**Figura 6 - Performance de Carlos Batista, em show da Antidemon. (Divulgação).**

Nos casos de eficácia do acontecimento sonoro enquanto uma mediação de acesso ao sagrado para o público jovem surgem os episódios de conversão. É difícil precisar como a “aceitação” se dá durante os festivais, simplesmente pelo fato de que é difícil observar, diretamente no campo, uma conversão. Muito do que levantei veio através de narrativas secundárias, seja em relatos pessoais de conversão, ou histórias em que alguns jovens, no momento do *show* de uma banda de *white metal*, teriam jogado ao palco suas drogas ou seus copos de bebida, em um gesto interpretado como a aceitação da palavra divina. Apesar de não ter presenciado acontecimentos como esses em campo, é fato que as histórias de conversão ouvidas durante a pesquisa evidenciaram os festivais de *white metal* como local e momento onde a “conversão” acontece. A conversão geralmente é caracterizada por meio de “aproximações sensoriais” com o sagrado: os jovens dizem ter “sentido” algo diferente, “ouvido” uma voz ou uma mensagem, ou ainda “visto” algo estranho que no momento lhes chamou a atenção.

### **Radicalmente Santos: juventude, rock'n'roll e religião**

Os padrões de excelência de *performance* entre os evangélicos são buscados em modelos mais ou menos estabelecidos nos agrupamentos sociais já existentes no

mundo contemporâneo (MARIANO, 1999). Um exemplo é a estética da camisa social e da gravata, vestimenta representativa da pessoa bem-remunerada, que foi incorporada à construção da figura do pastor. Seguindo esta lógica, é possível dizer que a estética e os padrões de *performance* dos jovens evangélicos da *Crash Church* acionados para compor seu modelo de santidade são buscados no interior de um agrupamento pré-existente: os "metaleiros". Porém, o movimento de busca por modelos de santidade está atrelado a uma cosmogonia específica. E é então que as coisas começam a ficar interessantes, na medida em que se faz necessário um exercício de ligação simbólica capaz de vincular a vida de Noé, de Davi ou mesmo de Jesus Cristo com a vida de um guitarrista tatuado – ou seja, vincular a fonte principal dessa cosmogonia, a Bíblia, a um mundo repleto de símbolos e ídolos originalmente alheios a ela.

Pensar na ligação entre a cultura do *rock* e a formação de um modelo de santidade somente enquanto bricolagem de elementos pré-existentes seria uma explicação pouco razoável. A formação de modelos de santidade deve ser discutida a partir de uma reflexão sobre o modo como este 'pacote estético e performático' é experimentado pelos sujeitos por meio do viés da religião. Nesse sentido, a corporalidade aparece como um elemento importante: certamente, a maneira como os jovens evangélicos experimentam seus corpos parece ser extremamente central em suas criações de sentido e no modo de experimentar o religioso. SEGATO (2008), ao refletir sobre as tendências da religiosidade contemporânea, pontua que em uma igreja, hoje, o território são seus fiéis. Para a autora, as pessoas carregam os marcadores territoriais, de modo que a religiosidade, em tempos de política de identidade, se delinea a partir de um repertório de emblemas funcionando como marcador de pertença e de ação política. No caso dos jovens da *Crash Church Underground Ministry*, em virtude da centralidade da música, experimentam a crença através da percepção sensorial. Com a importância dada às tatuagens, aos adereços de metal perfurados no corpo e à vestimenta, transferem para o corpo uma gama de símbolos que parecem preencher o tradicional "vazio imagético" das igrejas evangélicas. As relações com os corpos e com a cena musical desvelam-se enquanto importantes instrumentos para a produção da espiritualidade. Temos uma vivência performática da fé, a construção do corpo enquanto um território sagrado, e as roupas, aliadas aos instrumentos musicais, funcionando como armaduras contra o mal.

Obviamente, há uma transferência de sentido de um universo anteriormente existente, o dos roqueiros, para outro universo, o dos evangélicos. Mas até que ponto pode-se dizer que existe de fato uma fronteira entre as esferas da música, da religião e da identidade, vivenciadas pelos jovens?

### **Templos da Juventude: agencialidade, cosmogonia e um 'som da pesada'**

Moradores de locais periféricos da Região Metropolitana de São Paulo, principalmente das cidades localizadas na Região do ABC e nas proximidades de Guaianases, Poá, Guarulhos e Vila Albertina, os jovens da *Crash Church* exercitam grande mobilidade, pois precisam se ligar aos locais mais centralizados de São Paulo. A visibilidade do trânsito desses jovens é acentuada devido ao modo como eles se vestem e compõem seus corpos. Estes garotos e garotas não têm empregos formais, e tentam fazer do circuito *underground* uma alternativa de subsistência. Trabalham em estúdios de tatuagem, fazem desenhos para tatuadores, cantam em bares, atuam na produção de eventos e comercializam produtos de *rock* – desde ingressos até instrumentos musicais. Assim, suas relações com a música e com o tipo de trabalho que realizam estão localizadas principalmente fora das periferias. “Pegar o trem” é uma das expressões mais ouvidas nas falas sobre seus comportamentos cotidianos e sobre seus planos futuros, assim como são recorrentes os comentários em relação à distância de suas casas.

Tanto a religião evangélica como o *heavy metal* são, em São Paulo, práticas encontradas majoritariamente entre os setores mais pobres e periferizados da população. A relação entre o pentecostalismo e a pobreza foi, no Brasil, base para estudos das décadas de 1960 e 1970, que, associando o fenômeno da pobreza urbana com o fenômeno da migração, explicaram a adesão religiosa como uma resposta funcional a estados de anomia social. Ironicamente, a relação entre os jovens e a pobreza também foi base para estudos, em uma vertente norte-americana, nas décadas de 1940 e 1960, que explicava a adesão de jovens a “subculturas” (gângues, movimentos musicais, grupos alternativos como os *beatniks*, os *punks* e os *hippies*) como uma resposta funcional à anomia social (COHEN, 1955; WHYTE, 1981).

Contrariamente à generalização e à ligação direta entre pobreza e determinados movimentos identitários presente nas explicações funcionalistas, acredito que, no caso

dos jovens da *Crash Church* e do *underground* evangélico, o papel central da religião em suas vidas é o de conferir a eles agencialidade.<sup>18</sup> Vivenciar a crença não se limita a um sentimento de libertação ou a uma mudança de comportamento, mas implica em entrar em um estado de potencialidade, de um vir-a-ser em uma banda famosa, em um estúdio de tatuagem reconhecido, em uma galeria de artes gráficas, em um livro de poemas góticos. Assim, para estes jovens, se envolver no campo de práticas sociais do *rock* evangélico não se esgota em uma opção estética; significa se situarem enquanto agentes sociais atuantes. Eles tomam os elementos constitutivos dos universos simbólicos do *rock* e da religião evangélica como forma de construir e de reafirmar os valores e todo o conjunto de idéias sobre o modo de vida em que acreditam, moldando a partir disso seu próprio cotidiano.

A juventude da *Crash Church* está muito próxima à definição da condição juvenil dada por FORACCHI (1972), enquanto experiência de atores sociais dotados de potencial e força para operar mudanças. Constituindo-se como uma comunidade de jovens, ocupam espaços, produzem sua cena e crêem na missão de derrotar o mal através do *rock n'roll*, evangelizando outros jovens. A experiência do *rock* é, portanto, re-significada enquanto elemento primordial de cristandade na vida desses sujeitos. É a partir do *rock* que vivenciam o sagrado e que travam contato com Deus. As letras de música escritas, as melodias produzidas e os shows realizados são vivenciados como marcação dos passos em uma caminhada. Nesse sentido, é importante dizer que fiquei impressionada com a capacidade daqueles garotos e garotas de "fazerem e acontecerem", e com sua facilidade em transitar por diversos espaços da cidade, em um tipo de vida ativa e independente.<sup>19</sup>

Concordo com a afirmação de ROBBINS (2008) de que a cosmologia pentecostal fornece a esses jovens um espelho estrutural de seu posicionamento social distante dos centros últimos do poder, do sentido e do bem-estar no mundo, e sugere a estes sujeitos, que se vêem como periféricos no mapa social, maneiras de conduzirem vidas que ainda tenham valor, porque empreendidas na preparação para o céu. A cosmologia pentecostal lhes oferece meios de pensar em suas práticas de construção da vida como voltadas para algo de grande valor, porque são eternizadas na experiência do porvir. Vendo-se a si próprios como socialmente marginalizados, invertem e potencializam tal condição a partir do *underground*, construindo com tais recursos agencialidade e poder – e forjando, dentro da condição juvenil, um estilo próprio de existência (FORACCHI, 1972).

A grande diferença desta maneira de responder à marginalidade social reside no fato de os sujeitos poderem operar para sua própria salvação, sem a necessidade de uma ajuda externa mundana. Apenas a esfera sagrada pode ajudá-los, sobretudo a partir "do Espírito Santo, cujo auxílio está largamente disponível" (Robbins, 2008, p. 130). Assim, a centralidade da religião para esses jovens pode ser entendida como uma forma de enfrentamento das situações adversas que encontram diariamente em suas vidas, tais como a falta de acesso a direitos e procedimentos formais, que caberia ao Estado suprir. A religião acaba assumindo papéis comumente desempenhados pela esfera política e o cristianismo torna-se o elemento crucial para o enfrentamento da marginalização que as condições econômicas e estruturais têm legado a estes jovens. O cristianismo pentecostal é sua maneira de afirmar que, a despeito de sua posição periférica, detêm o controle sobre seus destinos, a partir de um projeto biográfico dotado de sentido (Robbins, 2008). De certa maneira, é possível dizer que o cristianismo praticado na *Crash Church* oferece alternativas que transformam o prolongamento inevitável da condição jovem e *underground* de seus adeptos em possibilidades de valorização de si e de construção de suas carreiras profissionais. Há também, como já observado anteriormente, uma luta que anima a vida desses jovens, onde o *rock underground* e os festivais tornam-se arena de uma verdadeira "guerra espiritual" do bem contra o mal.

Nesse sentido, saliento que "poder operar para sua própria salvação" é, sob meu ponto de vista, o espelhamento de uma particularidade fundamental do cristianismo pentecostal, a saber, a ausência, ou quase-ausência, de mediações para se alcançar o sagrado. Existe entre os participantes da *Crash Church*, uma relação íntima, subjetivada e espiritualizada com Deus. Os jovens fiéis colocam esta relação nos termos de uma relação pessoal, onde as escolhas e ações realizadas são planos revelados por Deus. A afirmação constante de se estar agindo de tal modo porque assim ditou o anúncio recebido diretamente de Deus confere a existência de uma divindade que pode ser acionada por todos os jovens fiéis, sem a necessidade da mediação do pastor ou dos monopólios hierarquizantes do sagrado.

De acordo com TAYLOR (1989), ao rejeitar a noção do sagrado mediado, os protestantes rejeitaram também toda hierarquia social ligada a ela. Desvalorizar esta ordem é abrir espaço para o surgimento de uma concepção específica de ser humano, onde raciocínio, autocontrole e trabalho tornam-se fundamentos implícitos tanto da auto-estima, como do reconhecimento social dos indivíduos. Em termos weberianos,

trata-se de uma virtuose modeladora do controle e da disciplina na vida cotidiana. Dessa forma, há uma possibilidade de "empoderamento" muito presente no cristianismo pentecostal<sup>20</sup>, a partir desta maleabilidade em torno do sagrado.

Tomar para si o Espírito Santo, seja através da invocação ou através das palavras da Bíblia, é uma prática que pode ser (e que de fato é) conduzida por qualquer fiel da *Crash Church*. Mas (e é isso que faz do pentecostalismo algo de fato interessante) acionar este controle sobre o sagrado é uma ascese cotidiana que vai além do ritual do culto, a partir da noção da existência de um plano de Deus para os planos individuais de vida, ou em outras palavras, a partir da idéia de que o controle do sagrado deve ser conduzido nas atividades cotidianas do trabalho e nos relacionamentos que permeiam toda a ação dos indivíduos. É por isso que a igreja não se reduz ao templo nem aos cultos de domingo, mas se espraia por todo um território híbrido, o qual se expande através do tracejado de itinerários e de intervenções nos espaços urbanos e da cena *underground* pelos jovens pertencentes.

Segundo COSTA (2005), nos anos oitenta havia uma repulsa dos jovens em participar de alguma igreja porque, ao se optar pela religiosa, a conseqüência era deixar de ser "careca" ou um *punk*. Hoje, ao invés da salvação pela negação do *rock*, o que tem operado é a salvação pelo *rock*. No lugar do abandono do jeans rasgado e da camiseta preta, temos a utilização desses anexos corporais para a construção de um território sagrado. Em vez de uma ética ditada pelo pastor, vemos a quebra desta figura enquanto manipulador e mediador do sagrado. Quebradas as mediações, o sagrado, acoplado ao *heavy metal*, torna-se fonte de agencialidade a estes jovens fiéis. Nesse sentido, a música entra em cena enquanto prática e produção partícipe da agencialidade religiosa, borrando fronteiras entre as esferas de interconexão, em um acontecimento que, para seus fiéis, é ao mesmo tempo sonoro e espiritual.

## Notas

---

<sup>1</sup> O presente artigo é fruto de uma pesquisa de Iniciação Científica sob orientação do Prof. Dr. Ronaldo de Almeida e financiada por uma bolsa FAPESP, vigente entre agosto de 2008 e fevereiro de 2009.

<sup>2</sup> Estas são as vertentes musicais que compõem o estilo de rock da banda Antidemon: o *Death*, o *Grindcore*, o Extremo e o Brutal, todas variações do *heavy-metal*, estilo de *rock'n'roll* surgido nos anos 1980. Tecnicamente, o *heavy-metal* se constituiu em sua origem pelo vocal melódico e a batida seis por oito, sofrendo variações ao longo de sua história, com o surgimento de novos arranjos e composições geradoras de sub-gêneros como o *Black metal*, o *Gothic Metal*, o *Trash Metal*, o *Death Metal*, etc. No *Death Metal*, o vocal passa a ser gutural grave (marca que particulariza o *Death* e o *Grind* de todas as outras vertentes) e o instrumental é composto por uma batida quatro por quatro da bateria mesclado com uma batida quatro por oito do baixo e da guitarra. O *Grindcore* segue a mesma linha, porém com uma batida de bateria dois por dois, seguida de uma batida quatro por quatro das guitarras e baixo. As vertentes *Death*, *Grindcore* e *Extreme* são mais cruas, em relação aos outros estilos de *heavy-metal*, tendo suas bandas compostas de três instrumentos principais, e formada por três ou quatro componentes. Nenhum destes gêneros (o *Death*, o *Grind*, o Extremo e o Brutal) em separado conseguem definir o estilo de metal cristão da banda Antidemon: a banda possui a característica do vocal gutural grave e extremo, mas não possui a temática de letras violentas características do *Death Metal*. Por outro lado, a banda possui a característica da bateria rápida e agressiva do *Grindcore*, mescladas com o tipo de batida do *Death*. É difícil encontrar hoje uma banda que se defina como *Pure Death*, ou *Pure Grind*; o que mais vem marcando a cena dos arranjos desse segmento do *heavy-metal* é a composição a partir de influências variadas. Já entre os *Gothic*, *Progressive* e *Black metal*, a marcação se dá pela ausência de influências externas.

<sup>3</sup> Igreja Evangélica fundada em 1986 pelo Pastor Estevam Hernandez e sua mulher Sonia Hernandez, que atualmente conta com pelo menos 150 mil fiéis e aproximadamente 400 templos no país (SIEPIERSKI, 2003).

<sup>4</sup> Esta breve apresentação sobre a trajetória de Carlos Batista foi construída a partir das conversas informais que pude travar com ele, durante a pesquisa de campo nos cultos da *Crash Church*.

<sup>5</sup> Cláudio Tibério é uma figura muito interessante para a discussão do *rock* evangélico. Sua história de vida revela que pertenceu à primeira geração que mesclou o protestantismo com o *rock*, no Brasil. Cláudio Tibério teria se interessado pelo *rock* através da banda Kiss, em 1982. A partir de 1986, ele começou a evangelizar e a transmitir o evangelho cristão vestido de roqueiro em bares e locais específicos freqüentados por *punks*, metaleiros ou outros grupos de jovens. Em 1989, após um festival com as bandas Sepultura, Destruction e Motorhead, ele e um grupo de amigos levantaram uma faixa com os dizeres "Metallica Jesus loves You". Em seguida, junto com amigos, montou em São Paulo um grupo evangélico pioneiro, o *Christian Metal Force* (COSTA, 2004).

<sup>6</sup> Sandro Baggio é também uma figura bastante importante dentro da formação do cenário do *rock* evangélico no Brasil. Por muito tempo pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular, Baggio se tornou um estudioso da música dentro da religião

---

evangélica, sendo autor dos livros *Música Cristã Contemporânea* (Editora Vida) e *Revolução na Música Gospel* (Ed. Exodus). Baggio conta que era roqueiro antes mesmo de se tornar evangélico e que, quando se converteu, o *rock* era muito mal visto pela comunidade cristã. O Refúgio do *Rock*, ministério evangelístico fundado na Igreja Evangélica Quadrangular do Ipiranga, foi possivelmente a primeira igreja evangélica do país a ter bandas de *death* e *grind metal* tocando em seu interior. Sandro Baggio, portanto, é um dos sujeitos centrais para a compreensão da história da cena de *heavy metal* evangélico do Brasil. Hoje, ele lidera uma igreja com proposta muito parecida com a da *Crash Church*, a Igreja Projeto 2:42 (Fonte: [www.sinkillerwebzine.blogspot.com](http://www.sinkillerwebzine.blogspot.com)).

<sup>7</sup> A "cena" é o conjunto de territórios constituídos e compartilhados por diferentes indivíduos que constituem o público e muitas das bandas de *rock underground* (ROSA, 2007). Neste estudo, a "cena" referida é aquela constituída pelo público e pelas bandas da vertente especificamente *heavy metal*.

<sup>8</sup> Nesse sentido, aqueles que decidiram construir a nova igreja foram colocados no rol dos que verdadeiramente estavam seguindo Jesus Cristo; já aqueles que abandonaram o grupo foram vistos como pessoas que só estariam na Zadoque por motivos de interesses pessoais e mesquinhos. Durante a pesquisa, conheci um ex-integrante da Comunidade Zadoque que não continuou na nova igreja, a *Crash Church*. Como era de se esperar, tal ex-integrante possui uma outra versão acerca do término da Comunidade Zadoque, assim como uma outra justificativa para aqueles que abandonaram o grupo.

<sup>9</sup>*Underground* é o tipo de rock que constitui esta cena, ou seja, o *rock underground*. Ele se constitui por bandas que não participam diretamente do circuito comercial e midiático, desenvolvendo uma rede própria de divulgação e comunicação, e uma cena alternativa (ROSA, 2007). O *underground* é também um estilo de vida considerado "contracultural", uma maneira alternativa de comportamento que rejeita e critica a ordem social vigente. Para MUCHOW (1968), a cultura *underground* é um protesto agressivo à ausência de poder, a partir da criação de poder simbólico.

<sup>10</sup> Este meio alternativo do *rock* possui uma estrutura interna de hierarquias e poderes, determinados pelo sucesso obtido por cada banda a partir de seus *shows* e participações nos festivais *underground* de outras cenas, internacionais. Diferentemente do sucesso do *rock* comercial, que se legitima pela quantidade de vendas de CDs, o *rock underground* confere poder e glória a partir de outras rotas simbólicas, como o número de *shows* realizados, os lugares onde são realizados e o público obtido.

<sup>11</sup> Questionados sobre se seus pais continuam freqüentando a mesma igreja, a maioria das respostas foi "não": poucos pais continuaram na Renascer em Cristo ou na Assembléia, transitando por algumas denominações locais e se encontrando, hoje, em denominações particularizadas.

<sup>12</sup> A banda que toca nos cultos da *Crash Church* é formada por um tecladista, dois guitarristas, um baixista, uma vocalista e três *back in vocal*. Trata-se portanto uma banda grande, preenchendo todo o espaço do palco-altar.

<sup>13</sup> Apesar do culto aqui descrito se iniciar com o testemunho de Fábio, os cultos da *Crash Church* podem começar com a fala de qualquer um dos jovens participantes que quiser. O importante é salientar o papel que os jovens pertencentes têm no

---

interior da igreja – não de meros espectadores de um culto, mas de verdadeiros agentes, construtores e fundadores da igreja, do templo e do tipo de religiosidade ali vivenciada.

<sup>14</sup> Característica muito interessante é o modo como estas Bíblias pessoais são manipuladas pelos jovens: eles personalizam suas capas com colagens e desenhos, signos do *underground* e do *rock heavy metal*. Todos personalizam suas Bíblias, cada qual com os desenhos e as bandas que gostam mais. Preferem fazer eles mesmos seus próprios desenhos, já que essa arte também é considerada como manifestação e obra de Deus, e ao mesmo tempo é uma arte legitimada pela cena *underground*, devido à constante necessidade de desenhos e símbolos para a produção de cartazes, capas de disco e camisetas de banda; assim como para os *slogans* para novas bandas. Os desenhos envolvem também a produção das fontes, ou seja, das letras com as quais se escrevem os nomes das bandas – fontes artesanais e diferenciadas.

<sup>15</sup> O *Black metal* é um subgênero do *heavy metal* tão respeitado como o *Death Metal*, o *Grindcore* ou o metal melódico. Desse modo, nem todo *Black metal* é satanista, ou tem adeptos satanistas. Não obstante, na visão dos jovens da *Crash Church*, todo o *Black metal* é satanista, e todos aqueles que não estão praticando um *rock* cristão estão em poder do Diabo.

<sup>16</sup> A Apodrelope, ou Apodrecida, é uma música da Antidemon tocada no ápice de seus *shows*, após o momento em que a banda faz um apelo para que todos ali se convertam, entregando sua vida a Deus e abandonando quaisquer práticas demoníacas. A letra é assim: "Não terás outros deuses diante de mim/ Nem farás para ti, imagem de escultura/Nem em cima no céu, nem embaixo na Terra/Só a mim servirás, só a mim prestarás culto!/Construída por homens, um deus de barro/Não fala, não ouve, muito menos responde/Ideologia, fé pagã, contra Deus/Seus fiéis lhe adoram, triste ilusão/ [Refrão] Apodreceu, A Pobre Cida/ Apodreceu, A Podre Cida!/ Busque um Deus de verdade, conheça a Jesus/ Ele fala, Ele ouve e te responde/ Porque a outra tal senhora, só te ilude./E na memória dos homens, desapareceu". Essa e outras músicas podem ser ouvidas on line, no site da banda ([www.antidemon.net](http://www.antidemon.net)).

<sup>17</sup> "Moshear" é uma expressão vinda do inglês *moshing*, dança onde os participantes fazem uma roda e jogam seus corpos uns sobre os outros, no meio da roda. Sobre esta dança, ver BARON (1989).

<sup>18</sup> Construi o conceito de agencialidade partindo da teoria da prática de BOURDIEU (1983), porém adaptando este conceito para um contexto religioso. Complementarmente, tenho pensado o conceito de agentes sociais a partir dos estudos de ORTNER (2007) e de THEIJE (2002). É importante ter em vista que ao compreender os fiéis enquanto agentes sociais no interior da religião, confronta-se frontalmente as teorias de alienação e perda de controle explicativas da crença em um ente superior e divino. Tais teorias perdem de vista a dimensão do sujeito na religião, assim como operam a partir de uma separação entre religião e política (LOCKE, 2004 e MARX, 1975). A percepção dos fiéis enquanto sujeitos da ação leva a discordar da idéia de alienação e perda de controle presente nesses estudos e permite questionar a estrutura mesma dos espaços religiosos, caracterizados por figuras sociais que, à primeira vista, se apresentam como muito bem delineadas em suas posições sociais, tais como o pastor, o clero, os leigos, os fiéis.

---

<sup>19</sup> Ironicamente, a percepção da independência, da mobilidade e da agencialidade destes jovens evangélicos em campo se deu exatamente a partir de um confronto com o nosso próprio modo de viver a juventude. Minha dificuldade em acompanhar os trajetos e os planos de ação dos jovens da *Crash Church* e o embate de alteridades que enfrentava veio à tona ao perceber os comportamentos de grupos próximos a mim na universidade. A experiência etnográfica me fez perceber a existência de juventudes no plural, e a importância das trajetórias e origens sociais para o delineamento de uma *hexis* formadora de comportamentos e crenças. Um acontecimento marcante se deu em uma noite em que, depois de ter atravessado São Paulo e experienciado um festival de *heavy metal* evangélico, com toda a rusticidade do lugar e o estilo *extreme-brutal* do som, fui encontrar um amigo em um bar de *jazz* em Pinheiros. Ali, tive um choque ao deparar com uma juventude *blasé* com seus cachecóis e jeans importados, mergulhados na madrugada, sentados tomando café, entoando sorrisos irônicos e contando sobre suas viagens de férias pela Europa.

<sup>20</sup> Esta característica de potencialidade e agencialidade do cristianismo pentecostal é também encontrada no *rock underground*, e mais especificamente em seu sub-gênero *heavy-metal*. A adoção de um estilo para os jovens que se envolvem no campo de práticas sociais do *rock* não é mera opção estética, mas permite situá-los enquanto agentes sociais. Além disso, tanto o cristianismo pentecostal como o *rock'n'roll* se assemelham quanto aos níveis de comprometimento que conseguem de seus adeptos: os fãs de *rock* e os fiéis evangélicos adotam os elementos constitutivos desses universos simbólicos não simplesmente para a fruição ou o lazer, pelo contrário, tomam os valores e todo o conjunto de idéias sobre o modo de vida, moldando a partir disso seu próprio cotidiano (KEMP, 1993).

## Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, R. de. *A universalização do Reino de Deus*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. IFCH/Unicamp, 1996.
- ARNETT, J. Adolescents and heavy metal music: from the mouths of metalheads. IN: *Youth and Society*, n.23, 1991, p. 76-100.
- BALLARD, M. E. & COATES, S. The immediate effects of suicidal, homicidal in heavy metal and rap. IN: *Youth and Society*, n. 27, 1991, p.169-193.
- BARON, S.. Resistance and its consequences: the street culture of punks. IN: *Youth and Society*, n. 21, 1989, p. 207-249.
- BOURDIEU, P. Esboço de uma teoria da prática. IN: ORTIZ, R. (org) *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1983.
- COHEN, A. K. A delinquência como subcultura. IN: *Sociologia da Juventude*, III, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

COSTA, M. R. da. Os Carecas de Cristo e as tribos urbanas do underground evangélico. IN: PAIS, J. M. & BLASS, L. M. S.. *Tribos Urbanas: produção artística e identidades*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2004.

FORACCHI, M.. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972.

GOW, P. Da etnografia à história: introdução e conclusão de *Of Mixed Blood: kinship and history in Peruvian Amazônia*. IN: *Cadernos de Campo*, vol. 15, nº 14/15, 2006.

KEMP, K.. *Grupos de estilo jovens: o rock underground e as práticas (contra) culturais dos grupos punk e trash em São Paulo*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. IFCH/Unicamp, 1993.

LOCKE, J. *Cartas sobre tolerância*. São Paulo: Ícone, 2004.

MARIANO, R.. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARX, K.. *Sobre a Religião*. Lisboa: Editora 70, 1975.

ORTNER, S.. Uma atualização da teoria da prática. IN: GROSSI, M. P.; ECKERT, C. & FRY, P. H (orgs). *Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas*. Blumenau: Nova Letra, 2007

QUEIROZ, T. C. Culturas juvenis. Contestação social e cidadania: a voz ativa do hip hop. IN: *(Re) Construções da Juventude: cultura e representações contemporâneas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2004.

RUMSTAIN, A.. A balada do senhor. IN: MAGNANI, J. G. & SOUZA, B. M. de. (orgs) *Jovens na Metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2008.

RIBEIRO, B. S. M. "O Diabo é o Pai do rock": a construção de uma identidade para a juventude cristã através de livros sobre o rock. Monografia em História. IFCH - Unicamp, 2007.

ROBBINS, J. Sobre alteridade e o sagrado em uma época de globalização: o "trans" em "transnacional" é o mesmo "trans" de "transcendente"? IN: *Mana - Estudos de Antropologia Social* vol. 14 número 1, 2008.

ROSA, P. O.. *Rock Underground: uma etnografia do rock alternativo*. São Paulo: Radical Livros, 2008.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

SEGATO, R. L.. A faccionalização da república e da paisagem religiosa como índice de uma nova territorialidade. IN: *Horizontes Antropológicos*, vol. 13, nº27, 2007, p. 99-143.

SIEPIERSKI, C. T. Fé, marketing e espetáculo: a dimensão organizacional da Igreja Renascer em Cristo. IN: *Civitas*, v.3 n.1, 2003.

TAYLOR, Charles. *Sources of the self: the making of the modern identity*. Cambridge, Harvard University Press, 1989.

THEIJE, Marjo de. *Tudo o que é de Deus é Bom: uma antropologia do catolicismo liberacionista em Garanhuns, Brasil*. Recife: FSN: Massangana, 2002.

WHYTE, W. F. *Street Corner Society: the social structure of an Italian slum*. Chicago: University of Chicago, 1981.

## Referências Imagens

**Imagem 2 do artigo.** Altura: 600 pixels. Largura: 491 pixels. 120 dpi. Tamanho: 59KB. Disponível em: [http://c4.ac-images.myspacecdn.com/images01/26/l\\_080458c8824062c824d0dcf96a25869f.jpg](http://c4.ac-images.myspacecdn.com/images01/26/l_080458c8824062c824d0dcf96a25869f.jpg). Acessado em: 11 de dezembro de 2008.

**CARTAZ.WEB.** Altura: 778 pixels. Largura: 1100 pixels. 96 dpi. Tamanho: 176.49KB. Formato JPEG. Disponível em: [http://www.crashchurch.com/imagens/cartaz\\_web.jpg](http://www.crashchurch.com/imagens/cartaz_web.jpg). 2008. Acesso em: 17 de outubro de 2008. [Imagem 5 do artigo].

**Imagem 1 do artigo.** Tamanho: 33,3 KB. Disponível em: <http://crashchurchsp.nafoto.net/images/photo20080110093108.jpg>. Acesso em: 17 de outubro de 2008.

**Imagem 4 do artigo.** Largura: 500 pixels. Largura: 375 pixels. 96 dpi. Tamanho: 29,6 KB. Disponível em:

---

<http://crashchurchsp.nafoto.net/images/photo20080114183250.jpg>. Acesso em: 17 de outubro de 2008.

**Imagem 3 do artigo.** Altura: 500 pixels. Largura: 375 pixels. 96 dpi.  
Tamanho: 39,8 KB. Formato JPEG. Disponível em:  
<http://crashchurchsp.nafoto.net/images/photo20080829200436.jpg>. Acesso em: 17 de outubro de 2008.

**IMG1470jy9.** Altura: 440 pixels. Largura: 660 pixels. Tamanho: 78.93KB. 72 dpi. Disponível em: <http://www.antidemon.net/gira2008.html>. Acesso em: 11 de dezembro de 2008.

## Outras Fontes

- <http://rockintheworldwebzine.blogspot.com/>
- <http://sinkillerwebzine.blogspot.com/>
- <http://www.antidemon.net/>
- <http://www.crashchurch.com/>